

UTOPIA, ANARQUIA E SOCIEDADE

**Escritos em Homenagem a
José Maria Carvalho Ferreira**

COORDENADORES:

Rita Raposo, Isabel Mendes, Rafael Marques, Helena Mateus Jerónimo,
Idalina Dias Sardinha, João Carlos Lopes e Manuel Coelho

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, nºs 76, 78 e 79

3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901

www.almедina.net · editora@almедina.net

DESIGN DE CAPA

FBA.

PRÉ-IMPRESSÃO

João Jegundo

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

PAPELMUNDE

COLABORAÇÃO EDITORIAL

SOCIUS, Mónica Fraga

Abril, 2018

DEPÓSITO LEGAL

440628/18

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

UTOPIA, ANARQUIA E SOCIEDADE

Utopia, anarquia e sociedade: escritos em homenagem a José Maria
Carvalho Ferreira / coord. Rita Raposo... [et al.]. – (Fundação Econó-
micas)

ISBN 978-972-40-7324-8

I – RAPOSO, Rita et al.

CDU 33(042)

Índice

Um ensaio que é também uma introdução <i>Rita Raposo</i>	11
Espectro de um homem vivo projectado sobre uma parede branca <i>João Freire</i>	25
Entrevista a José Maria Carvalho Ferreira: a(s) aventura(s) da liberdade <i>Helena Mateus Jerónimo e Rafael Marques</i>	27

PARTE I

JOSÉ MARIA CARVALHO FERREIRA: UM PENSAMENTO INCONFORMISTA

José Maria Carvalho Ferreira: do Homem inconformado ao Professor e Investigador – um testemunho <i>António Romão</i>	57
Numa vida há sempre mais vidas do que parece: retalhos da vida de um operário-universitário <i>Fernando Medeiros</i>	65
José Maria Carvalho Ferreira: uma mente eruptiva <i>Isabel Castro</i>	99
Narrativa telegráfica de uma relação com mais de quatro décadas... <i>António Caetano</i>	115
Zé Maria, um romântico da utopia <i>José Neves</i>	121
Contra a cafetinagem académica: uma autoetnografia com José Maria Carvalho Ferreira <i>Igor Vinicius Lima Valentim</i>	131

PARTE II

ANARQUISMO E LIBERTARISMO NA OBRA DE JOSÉ MARIA CARVALHO FERREIRA

José Maria Carvalho Ferreira: anarquia contemporânea e um anarquista sem adjetivos <i>Acácio Augusto</i>	149
A revista "A Ideia" e José Maria Carvalho Ferreira <i>António Cândido Franco</i>	165
A pedagogia libertária em Carvalho Ferreira: diálogo com o campo das outras pedagogias <i>Carolina Leão</i>	173
José Maria Carvalho Ferreira: o argonauta da utopia <i>Paulo Emílio Matos Martins</i>	193
Paixão pela vida: a anarquia aqui e agora de José Maria Carvalho Ferreira <i>João da Mata</i>	209
José Maria, anarquia entre sons de duas águas <i>Salette Oliveira</i>	223
José Maria Carvalho Ferreira: a anarquia <i>Edson Passetti</i>	233

PARTE III

ECONOMIA E FINANÇAS: OUTROS OLHARES

O predomínio intelectual do conservadorismo na ciência económica dominante: reflexões sobre algumas ideias perniciosas da moderna macroeconomia clássica <i>João Carlos Lopes</i>	247
Os conceitos de equilíbrio e de desequilíbrio económico e a fenomenologia de Edmund Husserl <i>Adelino Torres</i>	255
Do Finance Ministers characteristics matter? EU Finance Ministers, capital markets and fiscal outcomes <i>António Afonso e Maria João Guedes</i>	263

A concertação social em Portugal e os novos ventos da Europa <i>Rui Marques</i>	283
Qual desenvolvimento económico para a emancipação social da humanidade? Notas sobre a contribuição de José Maria Carvalho Ferreira no colóquio internacional de Economia Popular Solidária <i>Fernando Bomfim Mariana</i>	309
Derelict Mining Sites: environmental menaces and social cemeteries, or opportunities for local sustainable development? An essay <i>Isabel Mendes</i>	325
Conceitos e metáforas, direitos de pesca e "promessas de abundância" <i>Manuel Pacheco Coelho</i>	343

PARTE IV

DA ECONOMIA POLÍTICA À SOCIOLOGIA ECONÓMICA

A aporia do conceito de trabalho em Marx: uma análise cronológica <i>Nuno Miguel Cardoso Machado</i>	371
Um economista heterodoxo em construção: John Kenneth Galbraith, entre Harvard e o <i>New Deal</i> <i>José Madureira Pinto</i>	405
A economia como instituição social: um olhar sobre as suas condições e imposições recentes <i>Maria Manuel Serrano</i>	449
Criação de empresas: Polanyi, Barber ou Granovetter? <i>Gláucia Maria Vasconcellos Vale</i>	479
Vida e luta nos espaços-tempos da globalização <i>Thiago Rodrigues</i>	511
Imigração, demografia e mercados de trabalho: algumas notas sobre o passado e o futuro da Europa <i>João Peixoto</i>	527
O que mudou na pobreza e nos estudos sobre a pobreza em Portugal nos últimos 30 anos: um testemunho pessoal <i>José António Correia Pereirinha</i>	539

Estrutura social das colónias portuguesas segundo os recenseamentos de 1940 e de 1950	
<i>Nuno Valério e Palmira Tjipilica</i>	557

Cultura juvenil anarco-sindicalista e culturas populares urbanas em Portugal (1910-1940)	
<i>Paulo E. Guimarães</i>	573

PARTE V
ORGANIZAÇÕES E SUAS DINÂMICAS

“Só sinto o que sei”: efeito do conhecimento organizacional no envolvimento com o trabalho e no compromisso organizacional	
<i>Jorge F. S. Gomes, Karine Sueli Brito Mendes, Mário Teixeira Reis Neto</i>	599

Evolução do sistema de Gestão da Qualidade de acordo com a Norma ISO 9001, seus benefícios e integração	
<i>Maria Cristina Lança Vilhena de Mendonça</i>	623

Uma aplicação da avaliação de desempenho multicritério na gestão simulada	
<i>Giovanni D. Menegazzo, Claudelino M. Dias Junior, Rogério Tadeu de O. Lacerda</i>	635

Justiça laboral e ideologia patronal: a desconstrução da “nova” dogmática laboral	
<i>António Garcia Pereira</i>	653

A corrupção sistêmica enquanto método de governo e manutenção do poder: a realidade brasileira recente	
<i>Antonio Silva Magalhães Ribeiro</i>	673

O processo de construção do planejamento estratégico: estudo de caso do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina	
<i>Luci Mari Aparecida Rodrigues, Simone Machado Moretto Cesconetto, Thiago Soares Nunes, Marize Helena da Rosa Vendler</i>	703

O papel da orçamentação na Força Aérea Portuguesa: diferenças e semelhanças com o sector privado	
<i>Elsa Pereira Evangelista e António Samagaio</i>	729

Ambiguidades pedagógicas e organizacionais do Projeto <i>Segundo Tempo</i> no Brasil	
<i>Rogério Goulart da Silva</i>	765

PARTE VI
INOVAÇÃO E CIÊNCIA: HEURÍSTICAS, PRÁTICAS E REGULAÇÃO

Globalização, investigação e Ensino Superior: o poder do “official knowledge”	
<i>Margarida Chagas Lopes</i>	797

Participação e democracia: contributos da investigação-ação em participação	
<i>Sofia Bento</i>	815

A valorização das ciências sociais e humanas e o seu vínculo com a ciência da sustentabilidade	
<i>Idalina Dias Sardinha</i>	833

Inovação, novas tecnologias e complexidade	
<i>Artur Parreira</i>	845

A ordem da desordem nas (e das) organizações do século XXI: as teorias do caos e da complexidade revisitadas	
<i>Margarida Piteira</i>	867

O discurso da inovação: regulação profissional e novas formas de profissionalismo	
<i>Helena Serra</i>	901

Empatia e intuição: sobre a função heurística das emoções no estudo da doença mental	
<i>Joana R. Zózimo</i>	915

Políticas de comunicação em Portugal: ações regulatórias instigantes para o Brasil	
<i>Paulo Fernando Liedtke</i>	941

Bibliografia de José Maria Carvalho Ferreira	963
---	-----

A revista “A Ideia” e José Maria Carvalho Ferreira

*António Cândido Franco**

A revista *A Ideia* completará em Maio do próximo ano, 2017, 43 anos de vida. Ao longo de mais de quatro décadas publicou cerca de oitenta números, o que dá pouco menos do que dois números por ano. Para além dos números, a revista deu à estampa ainda uma quantidade apreciável de suplementos, de brochuras, de desdobráveis, de comunicados de imprensa e de outras notas impressas. Para uma noção deste volume do trabalho, deixe-se o balanço que a revista fez no momento em que passavam dez anos sobre a edição do primeiro número (nº 32-3, Abril, 1984, p. 59). Aí se diz que a revista, entre 1974 e 1983, publicou trinta e um números (incluindo sete duplos, num total de vinte e quatro tomos), oito brochuras, vinte e oito panfletos e desdobráveis, vinte e cinco comunicados à imprensa, um postal, um autocolante e uma serigrafia (Mário Botas). A propósito deste aniversário, a revista *A Ideia* promoveu no Teatro Vasco Santana (Feira Popular), em 29 de Novembro de 1984, o espectáculo “10 Anos d’ *A Ideia*”, em que estiveram presentes cerca de cento e cinquenta pessoas. Entre a assistência lembramo-nos de ver Mário Cesariny e Ruy Cinatti e entre os que subiram ao palco António Macedo e Glicínia Quartim. O cartaz pertenceu a Mário Cruz; o evento teve balanço nas páginas da revista (nº 36-37, Junho, 1985, p. 112).

Ao longo de mais de quatro décadas a revista apresenta por força diferenças. Registe-se antes de mais a existência de duas sé-

* Universidade de Évora.

ries, a primeira entre 1974 e 1991, num total de 55 números em 18 anos, e a segunda entre 2001 e o presente ano de 2016, com 21 números em 15 anos – sairá no Outono de 2016 um número quádruplo (nº 77-80). Entre 1992 e 2000 a revista cessou a edição normal, editando apenas uma folha anual, não destinada a venda comercial, sem preço de capa, sem série e sem número, destinada em exclusivo a reservar o título da publicação. Não obstante, quer na primeira série quer na segunda, não se depara com qualquer homogeneidade e dentro de cada uma das séries encontram-se diferenças assinaláveis, a começar pelos subtítulos. Assim na primeira série a revista surge em Paris com o subtítulo de *órgão anarquista específico de expressão portuguesa*, que manterá até ao número 10, Primavera de 1978, num conjunto de 10 números, ao longo de cinco anos. O seguinte, o décimo primeiro, Outono de 1978, troca o subtítulo anterior por *revista de cultura e pensamento anarquista*, que se manterá até Outubro de 1989 (nº 53), num total de 43 números, em 12 anos. No número seguinte, de Maio de 1990, novo subtítulo, desta vez *revista libertária*, que se manterá até 2012, número 70, em dezassete números publicados ao longo de vinte e três anos. Com o número 72/73, de 2013, mais uma vez se altera o subtítulo para *revista de cultura libertária*, que se mantém até hoje. As folhas intercalares entre as duas séries, vindas a lume entre 1993 e 2000, não ostentam subtítulo. A revista apresentou assim quatro subtítulos diferentes (1974; 1978; 1990; 2013).

Em dois casos a alteração coincidiu com a mudança de director, como sucedeu na passagem do número 53 para o seguinte, ano de 1990, em que Miguel Serras Pereira substituiu João Freire, e veio depois suceder no nº 71-72, em que A. Cândido Franco substituiu João Freire; no caso que fica de fora, relativo ao Outono de 1978, a mudança do título secundário não coincidiu com qualquer mexida na direcção da revista, que tinha então por director Carlos Abreu. Este assumiu a responsabilidade da revista em Fevereiro de 1976 (nº 4) e permaneceu na função até Junho de 1980 (nº 17). A fundação, em Paris, pertenceu a João Freire e a primeira direcção portuguesa, no terceiro número, a João Oliveira; antes, em Paris,

nos dois primeiros, a revista teve apenas um responsável editorial (Germain Parès); Freire, o fundador, assumiu a direcção no Outono de 1980 (nº 18-19), abandonando-a em 1990, dando lugar a Serras Pereira, para de novo regressar em 2001 e de novo a abandonar em 2013. As folhas anuais, dadas a lume no final do século passado e que salvaguardaram o título, tiveram também a direcção de João Freire.

A título de curiosidade, e porque o presente texto se destina a homenagear José Maria Carvalho Ferreira, paga a pena lembrar que, no momento em que João Freire planeou fundar a revista *A Ideia*, o que aconteceu em Paris no final de 1973, a primeira pessoa de quem se lembrou foi de José Maria Carvalho Ferreira que chegara a Paris em 1969. Carvalho Ferreira fizera pouco antes uma outra publicação com João Freire, *Classe Operária* e fora ainda seu companheiro na derradeira fase dos *Cadernos de Circunstância*. Em 1973 terá recusado a proposta de João Freire para fazer uma revista anarquista específica, com as características iniciais de *A Ideia*, o que não obstou a que mais tarde, fruto por certo da evolução do seu ideário, se tivesse tornado num dos mais regulares colaboradores da publicação.

As estas flutuações juntam-se as modificações de formato. A revista começou por ser um desdobrável publicado em Paris e evoluiu depois, ainda em França, no final de 1974 (nº 2), para um caderno agrafado, de capa cartonada, a uma cor, montagem e composição artesanais, ilustrações curtas, pouco mais que as fotografias dos biografados. Os meios de difusão eram parcos e a circulação circunscrevia-se às assinaturas e à divulgação militante. Essa primeira fase, a coincidir sobretudo com a direcção de Carlos Abreu, durou até Outubro de 1980 (nº 18-19), momento em que o fundador da revista assumiu a responsabilidade da direcção; com o número duplo de 1980, as alterações gráficas foram grandes. A publicação, sem bulir nas dimensões, abandonou a confecção manual, ganhou maior número de páginas e passou a ter composição profissional. A revista até às mudanças de 1980 apresentava em média cerca de três dezenas de páginas – chegou a ser uma bro-

chura de vinte e seis páginas (nº 9) – e depois delas passou sempre da centena, chegando mesmo à centena e meia com o número duplo de Dezembro de 1982 (nº 26-27). Na nova fase o regime de distribuição da revista não se alterou muito em relação ao anterior, se bem que o número de assinantes, a par dos colaboradores, se alargasse. Sobre a tiragem encontramos informação em Abril de 1982 (nº 24-25, p. 116), apontando para uma tiragem de mil exemplares, superior pois, ou mesmo muito superior, à anterior.

É neste período que José Maria Carvalho Ferreira aparece como colaborador da revista, assinando artigos em seu nome. A primeira vez que nela compareceu foi em Abril de 1982, no número duplo 24-25, com um texto chamado “Economia doméstica e o papel da família na sociedade portuguesa”. Por essa época – ele indica só o início da década de 80 – João Freire volta a abordar Carvalho Ferreira, convidando-o desta vez para cooperante da cooperativa Sementeira, fundada em 1978 e que viria a ser a responsável pela publicação da revista. O convite é aceite e Carvalho Ferreira torna-se membro da cooperativa Sementeira, até à dissolução desta em 1992. Nunca chegou porém a integrar o conselho editorial da revista, sendo o seu nome indicado na ficha técnica como colaborador permanente. A sua acção acabou por se centrar mais no Círculo de Estudos Neno Vasco e na edição de livros do que na publicação da revista. Isto mesmo nos testemunhou ele numa pequena entrevista que lhe fizemos em 2015 e que aparece publicada na revista *A Ideia* (nº 75-76, 2015, pp. 159-160). Não obstante, voltou a colaborar por três vezes nas suas páginas nesse período que teve o seu fecho com a dissolução da cooperativa e que não significou o fim da revista, que lhe sobreviveu até aos dias de hoje. Foi ainda Carvalho Ferreira que serviu de ponte entre Mário Botas, que conheceu logo no rescaldo da revolução do 25 de Abril de 1974 e a cooperativa Sementeira, que veio a editar deste uma serigrafia em 1983, ano da morte do pintor.

A nova fórmula iniciada em Outubro de 1980 foi aprofundada ao longo de dez números, o último em Maio de 1983 (nº 28-29). Com o número duplo de Outubro de 1983 (nº 30-31), voltou a re-

vista a sofrer nova reviravolta gráfica. Troca-se o formato clássico por um maior, introduzem-se mais imagens, cuida-se da composição, alivia-se a mancha, apresenta-se uma revista muito extremada do ponto de vista artístico. Estas modificações, que durarão até Outubro de 1985 (nº 38-9), são acompanhadas por outras. A revista, que começara por ter apenas um responsável, e ganhara na Primavera de 1981 (nº 20-21) um *colectivo coordenador*, colaboradores e correspondentes, passa a ter com a nova fórmula, editores, colaboradores, correspondentes, coordenadores de número e até um responsável gráfico (Vasco Rosa), num total que subiu a cerca de vinte pessoas e onde se inclui o nome de José Maria Carvalho Ferreira. Nesta época a revista alargou a audiência, duplicou ou triplicou a tiragem, ganhou distribuição livreira, captou novos assinantes e colaboradores, como Fiama Hasse Pais Brandão, com texto memorável, “História: o Direito à Alucinação” (nº 30-31), ou Mário Cesariny, que publicou inéditos seus, de António Maria Lisboa e de Fernando Alves dos Santos no mesmo número de 1983. A cooperativa editora Sementeira, surgida em 1977, em associação com a revista, desenvolve nesta época parte da sua actividade, chegando a 1985 com cerca duma dezena de livros e várias brochuras em catálogo; a partir do número 32-33, Inverno e Primavera de 1984, a cooperativa passou a ser expressamente a entidade gestora da revista.

O novo modelo, que estabilizou com um conselho de redacção e um leque alargado de colaboradores permanentes (um deles Carvalho Ferreira), durou até Junho de 1986 (nº 40-41), momento em que se dá nova alteração gráfica, por abandono da tipografia em que a revista desde 1975 era impressa, isto com um curto interregno (nº 5, 1976), a Gráfica 2000, na Cruz Quebrada. Os meios da nova gráfica, a empresa Ramos, Afonso & Moita, na rua Voz do Operário, sem fotocomposição, condicionaram o formato, que diminui, e obrigaram a mudanças na mancha, com um texto limpo de ilustrações, sem com isso deixar cair o cuidado artístico anterior. Apesar das alterações de forma, a revista permanece no essencial a mesma. O conselho de redacção pouco se alterou, os colaboradores ficaram quase os mesmos, a distribuição livreira

continuou; de igual modo prosseguiu a ligação à cooperativa Sementeira. Uma alteração apenas: a partir do número 50 a revista passou a ser *edição patrocinada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura*, apoio que durou até à saída de Freire da direcção. Os números dirigidos por Serras Pereira, salvante o patrocínio, que desapparece, não introduzem quaisquer alterações formais.

Chegou depois disso o período intercalar, em que a revista suspendeu a publicação e apenas se editam os *números* simbólicos para assegurar a posse do título. A cooperativa Sementeira, responsável anterior pela edição, é dissolvida em Outubro de 1992. Quando se dá o regresso, em 2001 (nº 56), a fórmula adoptada será por força diferente. Em lugar dum conselho de redacção, ajudado por um grupo de colaboradores e de correspondentes, surge apenas um responsável, João Freire, que se assume como editor e administrador da revista, que para marcar a diferença em relação ao passado entra numa 2ª série. A par destas, outras modificações têm lugar. A revista ajusta o formato, perde a periodicidade, diminui o volume (o nº 56 tem 34 pp.), deixa de ter preço para passar a receber um donativo voluntário, abandona a distribuição livreira e baixa a tiragem para trezentos (nº 56) ou mesmo duzentos (nº 70) exemplares.

As alterações de subtítulo, as mexidas na direcção ou as mudanças no formato, na apresentação gráfica ou na tiragem não me parecem porém capazes de por si só justificarem diferenças de ideário. As mudanças atrás reportadas não coincidem com estas últimas. Assim a revista que sofreu as alterações de formato no ano de 1980, que tanto lhe mudaram o aspecto, é em substância a mesma de antes. Do mesmo modo, as alterações formais que decorreram da mudança de tipografia em 1987 não trouxeram nenhuma mudança de conteúdo. As diferenças de ideário, a existirem, não seguiram alterações de forma nem trocas de responsáveis. A revista feita por Freire depois da melhoria gráfica de 1980 não apresenta diferenças assinaláveis para com aquela que Abreu orientou, pelo menos a partir de 1977 (nº 9), em que a luta anti-nuclear chegou à revista. De igual forma a mudança que ocorreu em 1990, com Ser-

ras Pereira a substituir Freire, não dá lugar a alterações significativas; a revista ficou a bem dizer a mesma no grafismo, nas colaborações, na orientação. Por isso no momento da despedida, João Freire podia adiantar: *Julgo que nada de fundamental separa as minhas ideias e aspirações das do Miguel Serras Pereira*. (nº 54, p. 3) E caso se separasse, o tempo curto foi para o manifestar, pois o novo director só tirou à sua responsabilidade dois números semestrais, ambos em 1990.

No período inicial da 2ª série da revista, já sem cooperativa nem grupo editor coeso, José Maria Carvalho Ferreira, de novo por convite de João Freire, volta às páginas da revista. Sucede isso no número 58, Março de 2003, com um texto chamado "Trabalho, precariedade do emprego e emergência do terceiro sector".

Este primeiro período da segunda série da revista terá o seu fecho no número 70, de Novembro de 2012, em que João Freire é substituído por vontade sua na direcção e edição da revista. Sem que se dê uma alteração de série da publicação, que se mantém a mesma, há no entanto um conjunto significativo de alterações formais que o novo editor introduz. A revista duplica ou triplica o número de páginas – o número de 2015 tem por exemplo 292 pp. – e aumenta o formato. Sobe também a tiragem – o número de 2014, o de maior tiragem, fez 550 exemplares – e regressa em força uma componente artística, pictórica e poética, que estivera muito presente com Vasco Rosa no arco que vai de 1983 a 1987 mas se desvaneceu depois, no período inicial da segunda série, de 2001 a 2012. Não obstante estas modificações, e até a subida da tiragem, a revista não regressa às livrarias, mantendo o sistema de distribuição caseira, por depositários escolhidos e por um donativo voluntário, que foi o seu modo no regresso de 2001 com o início da segunda série.

José Maria Carvalho Ferreira volta de novo às páginas da revista e desta vez com grande regularidade. No número duplo de 2013 (nº 71-72), publicou uma tocante memória de Mário Botas, "Em memória de Mário Botas"; no volume seguinte, de 2014 (nº 73-74), colabora com um perfil biográfico duma militante libertá-

ria, Maria da Conceição Tavares Magos Jorge (1953-2001), que fora sua companheira e era mãe da sua filha Carolina; em 2015 (nº 75-76) responde a um inquérito sobre a sua relação com a revista e dá a lume um longo texto sobre Roberto das Neves (1907-1981), fruto das suas pesquisas no quadro dum projecto de investigação (MOSCA). Tem neste momento no prelo, para o número de 2016, um apanhado sobre a revista paulistana *Verve*, à qual está desde há anos ligado por laços de amizade e cumplicidade de ideário.

Eis no essencial as linhas que nos permitem conhecer a relação de José Maria Carvalho Ferreira com a revista *A Ideia*, que se publica desde 1974. Com excepção de João Freire, seu fundador e seu animador de sempre, ele é hoje porventura o único dos vivos que acompanhou com alguma proximidade esta publicação desde o momento do seu nascimento até aos dias de hoje. Deu-lhe um contributo digno de nota, quer como cooperante da Sementeira, no período em que esta cooperativa existiu e funcionou, quer como colaborador efectivo das suas páginas, acabando por marcar as suas orientações, sobretudo no que à liberdade, aceitação mútua e convívio fraterno diz respeito.